

Capítulo I

Inglaterra, 1162

O fogo na lareira crepitava. Labaredas subiam entre os juncos, exalando uma fumaça olorosa, que irritava os olhos de Kendra. Parada ao lado da frágil figura deitada na cama de palha, ela suspirou.

Sua mãe, bem como as suas irmãs, estavam a seu lado, na longa vigília ponteada de apreensão e medo.

— Brina! — ela chamou. — Brina!

Apenas um leve gemido respondeu ao seu apelo. A percepção de sua impotência em aliviar aquela agonia dilacerava-lhe a alma. Tudo o que podia fazer era segurar a mão de Zabrina, oferecendo-lhe o conforto de sua presença.

Mesmo a parteira, com sua ervas, poções e vasta experiência, não parecia capaz de proporcionar algum alívio à pobre Zabrina, que estava tendo um parto difícil, agravado pela fragilidade de seu corpo e por sua saúde delicada.

As dores tinham começado na noite anterior e continuado por todo o dia. Apesar dos esforços de Zabrina, o bebê não vinha à luz. À beira do desespero, Kendra se perguntava se a criança, indesejada, fruto de um estupro brutal cometido pelo suserano daquelas terras, não estaria se negando a nascer para aquele mundo frio e cruel.

— Oh, Brina... Minha irmã querida! — ela murmurou, em tom de lamento, enxugando as lágrimas com a manga de sua rústica túnica de lã.

Apesar de ser quatro anos mais nova que Zabrina, Kendra sempre tivera por ela um sentimento de proteção. Afinal, Zabrina assemelhava-se a uma flor, delicada e frágil, incapaz de adaptar-se à vida desgastante e aos árduos trabalhos do dia a dia. Zabrina era suave e gentil, como as corças que viviam na floresta, nos arredores do castelo do rei.

Desde criança, Kendra acostumara-se a assumir os trabalhos

mais pesados, só para poupar Zabrina. Mais que isso: deixava para ela a maior parte de sua escassa alimentação, pois sabia que o esgotamento e a desnutrição, que faziam parte da dura realidade dos aldeões, acabariam levando a irmã, de natureza tão frágil, a se tornar mais uma vítima daquele sistema injusto.

Aldeões. Camponeses. Servos. Os membros da outrora orgulhosa família de Kendra haviam sido reduzidos a essas classes subalternas, com o passar dos anos. Trabalhavam arduamente e morriam jovens, pagando tributos e taxas absurdas aos senhores feudais, os suseranos.

O pai de Kendra fora um homem alto, forte e bonito. Mas a alimentação precária, somada ao trabalho desumano, curvara-lhe as costas e roubara-lhe o brilho do olhar. Aos quarenta e um anos de idade, ele aparentava o dobro. A mãe, cujos cabelos dourados e vívidos olhos azuis tinham sido como os de Kendra, já mostrava os sinais da miséria em que vivia. Sua pele estava marcada pelo sol e pelas intempéries, os cabelos, mesclados de fios grisalhos. Quanto aos lábios, onde antes bailava um sorriso, agora pareciam contorcer-se um ricto de tristeza.

O rei, dono de todas as terras e de tudo o que nelas existia, incluindo os rios, as aves do céu, os animais e os seres humanos, viera de um lugar distante, do outro lado do oceano. Era um rei estrangeiro, que Kendra nunca vira... Um normando, assim como outros tantos nobres que tinham vindo em sua comitiva.

O pai de Kendra era um homem sábio, apesar de sua extrema pobreza. E tinha lhe explicado tudo, muitos anos atrás... O sistema feudal era como uma escada, com o rei no topo. Abaixo, vinham os nobres, ou suseranos, a quem eram concedidos os feudos, vastas extensões de terra que eles governavam e exploravam como bem entendiam, pagando tributos e prestando juramento de fidelidade ao rei. No terceiro degrau vinham os vassalos, em número bem maior. Esses administravam porções das terras dos suseranos. Na base daquela longa escada vinham as pessoas como Kendra e sua família.

Os suseranos tinham um poder terrível e absoluto sobre os aldeões que viviam em suas propriedades. O fato de a família de Kendra descender de nobres saxões, antigos e genuínos donos

daquelas terras, não fazia a menor diferença para eles.

Para os conquistadores normandos, a linhagem secular saxã nada significava. E assim, tal como muitas outras famílias, a de Kendra ficara à mercê de um nobre suserano: Reynard de Bron.

Em silêncio, Kendra amaldiçoou esse nome. Os aldeões não podiam sair da aldeia, casar-se ou doar seus bens aos filhos, sem a permissão de seu suserano. Tinham de lhe pagar impostos e trabalhar três dias por semana nas terras dele, sem nada receber em troca. Além do mais, tinham de tentar plantar, criar e colher seu próprio alimento no pedaço de chão que ele lhes destinava. Quando lhes faltava dinheiro para pagar os impostos, o suserano confiscava seus melhores animais. Na mesa de um aldeão, a carne era uma iguaria raramente saboreada. Os grãos que colhiam tinham de ser, obrigatoriamente, moídos nos moinhos do suserano, e ali eles já deixavam uma boa parte. Além do mais, não podiam construir fornos; tinham de usar os do suserano, para assar seus pães, e pagar por esse privilégio.

Um bom suserano podia governar com justiça e proteger seu povo em troca de trabalho e lealdade. Mas um mau suserano tratava seus aldeões como animais, fazendo de suas vidas um inferno sem fim. Reynard de Bron era um suserano do mal...

— Nós somos seres humanos! — Kendra protestara, ao tomar consciência da situação em que viviam. Mas seus pais sabiam que nada poderiam fazer, exceto continuar seguindo as leis impostas. Tinham se resignado à brutalidade de seu senhor.

Em seu íntimo, porém, Kendra jamais aceitara aquela situação. Uma chama de rebelião ardia em seu peito, um orgulho feroz brilhava em seus olhos nas horas de maior adversidade. Ninguém no mundo poderia convencê-la de que ela e sua gente mereciam ser tratados como animais... e muito menos um homem como Reynard de Bron! Afinal, ela possuía um coração e uma alma. Enquanto respirasse, o ar da vida faria com que se lembrasse de que era filha de Deus, como qualquer normando, nobre ou não.

Com os olhos fixos no brilho tênue da lareira que se apagava, Kendra trouxe à mente o rosto detestável de Reynard de Bron, só para amaldiçoá-lo mais uma vez.

Um grito de agonia arrancou-a de seus pensamentos e conduziu seus olhos cansados para o leito onde jazia a irmã.

— Estou aqui, Brina. Não deixarei que nada de mal lhe aconteça.

— Voltando-se para a parteira, pediu: — Faça alguma coisa, pelo amor de Deus!

— Ela tem os quadris muito estreitos, e isso torna tudo mais difícil.

A expressão sombria da velha mulher confirmava suas palavras. Mas Kendra simplesmente não podia aceitar aquele veredicto.

— Minha mãe e eu achamos que a senhora poderia ajudar. — A voz soava aguda e estridente, ao contrário de seu suave tom habitual. — Por isso a chamamos.

— Dei-lhe uma poção para aliviar a dor. Sinto muito, mas não posso fazer mais nada.

Kendra sentiu Zabrina apertando-lhe a mão com uma força surpreendente, que vinha de sua agonia. Tomada por um misto de revolta e desespero, pensou que seria mil vezes preferível ter sido ela a estuprada pelo perverso suserano. A raiva certamente teria lhe dado coragem para sobreviver e enfrentar seu destino.

— O bebê... — Zabrina gemeu. — Alguma coisa está errada...

— O bebê está virado ao contrário — a velha parteira explicou — Está sentado.

Kendra estremeceu. Sabia de muitos casos semelhantes, que acabavam resultando na morte da mãe e do bebê.

— Não! — ela gritou. — A senhora está enganada!

— Veja por si mesma.

Empurrando para trás o áspero cobertor de lã, a parteira provou sua afirmação:

— A dilatação chegou ao máximo. Mas a criança não está posicionada. Eu esperava que ela se virasse, durante o trabalho de parto, como muitas vezes acontece, e chegasse à posição normal. Mas sua irmã é muito frágil e pequena. O bebê não tem espaço para se mexer.

Aquela era a sentença de morte de Zabrina. Mas Kendra não pretendia aceitá-la. Não sem tentar. Curvando-se sobre a irmã,

empurrou o bebê de volta ao útero, forçando-o a fazer a volta. Cada grito de dor, cada gemido que brotava dos lábios de Zabrina era como um duro golpe em seu coração. Mesmo assim, ela prosseguiu. Não podia deixar sua querida Brina morrer.

As brasas da fogueira brilhavam, lançando sombras sobre a face de Kendra, por onde o suor escorria em abundância.

— Empurre, Brina! — ela ordenou, pressionando as palmas das mãos sobre o ventre da irmã, num esforço para ajudá-la a parir. — Empurre agora... Isso!

Com olhares de perplexidade, as mulheres ao redor do leito assistiram à chegada do bebê, que rompeu o silêncio profundo com seu choro.

— É um milagre! — a parteira exclamou.

— O bebê está vivo! — gritou outra das irmãs de Kendra, eufórica.

— É um menino! — a mãe de Kendra finalmente falou, tomando-o nas mãos para cortar o cordão umbilical.

— Acabou, Brina... Seu filho nasceu! — Kendra concluiu, exultante. — Eu sabia que Deus não poderia ser tão cruel a ponto de roubar você de mim! Não haverá mais dor, irmãzinha. — Ela suspirou, entre feliz e aliviada. — Quer ver seu filho, Brina? Brina...?

— Sua irmã não pode ouvi-la. — A voz da parteira soou como um sino fúnebre. — Ela está morta.

— Não! — Kendra protestou, incrédula, quase sorrindo. — Ela só está cansada... Exausta! — Com o carinho que sempre dispensava à irmã, ela afastou-lhe os cabelos do rosto. — Descanse, querida.

O rosto de Zabrina estava frio. Recusando-se, ainda, a entregar-se ao pânico, Kendra segurou as mãos dela entre as suas... Então sentiu os dedos flácidos, imóveis. Não havia pulsação. Não havia o menor vestígio de vida. Zabrina jamais despertaria daquele sono.

— Precisamos chamar o padre — disse a mãe. E voltou-se para Kendra. — Você fez tudo o que podia, minha filha. Se não fosse por você, o bebê também estaria morto.

— Mas, Brina... — Kendra sussurrou.

— É a vontade de Deus — a mãe concluiu, resignada. Sua filha

mais velha acabara de falecer, mas a nova vida que ela trouxera ao mundo exigia sua atenção e cuidados.

Sozinha ao lado do leito da irmã, Kendra deixou-se cair de joelhos, junto ao corpo sem vida, finalmente dando vazão à sua dor. Cobrindo o rosto com as mãos, ela chorou.

A folhagem era densa e brilhante, em múltiplos tons de verde. Os carvalhos e pinheiros pareciam imponentes como guerreiros. Geoffrey de Bron seguia o grupo de caça, através da floresta. Se estivesse a pé, já seria uma tarefa difícil vencer os arbustos e galhos. A cavalo, o desafio era ainda maior. Geoffrey praguejava contra aquela terra selvagem e indomada, desejando, uma vez mais, estar na Normandia. Ao contrário do rei, não tinha nenhuma predileção pela caça, mas ele era “o homem do rei” e, como tal, devia seguir Henrique aonde quer que ele fosse.

O rei ainda não havia lhe concedido um feudo, embora tivesse prometido fazê-lo. Assim, Geoffrey era um nobre sem terras. Mas cultivava a esperança de recebê-las, muito em breve.

Oito anos...

Teriam realmente se passado oito anos, desde que Henrique sucedera Stephen como rei da Inglaterra, tornando-se assim o lorde de todas as terras, do rio Tweed aos Pirineus?

Geoffrey refletia sobre sua vida... Já fora um jovem de quinze anos, ansioso para servir ao homem que agora era mais poderoso do que o próprio rei da França. Seu talento, inteligência e curiosidade natural o haviam levado a tornar-se um clérigo. Seus feitos chegaram ao conhecimento de Thomas Becket que, além de chanceler do rei, era também seu principal assessor e amigo pessoal.

Becket havia reconhecido a capacidade de Geoffrey, e agora ele se tornara, por si mesmo, um homem importante naquele reino.

O irmão mais velho de Geoffrey, Reynard de Bron, constantemente o repreendia por ter optado por usar o cérebro em vez dos músculos. Mas Reynard certamente pensava que a única prova de virilidade de um homem se dava nas batalhas e que a única glória possível no mundo era ser um cavaleiro.

Geoffrey, porém, sabia que fizera a escolha certa. Sentia-se mais feliz empunhando uma pena do que uma espada. Na verdade, não era incomum que o segundo filho de um nobre seguisse outros caminhos que não o das armas.

Isso não significava que Geoffrey desprezasse a ação física. Alto, esbelto e musculoso, muitas vezes superara o irmão mais velho, tanto na força quanto na coragem. Mas ocorria que, ao contrário de Reynard, ele fora contemplado com uma sensibilidade e uma profundidade de alma que não encontravam guarida na vida de um guerreiro que se comprazia com batalhas e sangue derramado. Mesmo a caça de animais, por mero esporte, contrariava sua natureza. A quietude da mata o envolvia, como se todas as criaturas nela escondidas aguardassem em silêncio. Apenas uma leve brisa sussurrava por entre os ramos das árvores, acariciando-lhe o rosto e se infiltrando por entre as mechas de seus cabelos castanho-escuros.

Pairava um silêncio sobre tudo, como a calmaria antes da tempestade, embora não houvesse uma única nuvem no céu.

A inquietação de Geoffrey devia-se ao fato de ele ter observado os camponeses ao passar pelas terras de seu irmão, perto da floresta onde agora se encontrava. Embora a atitude deles fosse mansa e complacente, como sempre, havia ódio em seus olhos... Ódio por Reynard de Bron.

Reynard de Bron era um suserano cruel e implacável. De algum modo inexplicável, Geoffrey suspeitava de que um dia Reynard acabaria por se arrepender amargamente do tratamento que dava aos camponeses de suas terras.

Afastando da mente esse pensamento incômodo, ele observou a beleza da mata ao redor. Os brotos tenros das árvores eram sinais evidentes de uma bem-vinda primavera.

Puxando as rédeas do cavalo, ele endireitou-se sobre a sela e respirou fundo.

A floresta, arrancada dos saxões pelos antepassados dos Bron, tinha uma inegável beleza. Não era à toa que o rei Henrique fazia tanta questão de preservá-la, Geoffrey pensou.

De fato, Henrique proibira, por decreto, a entrada de qualquer

pessoa na floresta real, com arcos, flechas e cães, a menos que essa pessoa tivesse uma ordem especial, emitida por ele. Ninguém, além do rei e seus convidados, podiam caçar cervos, gamos, javalis ou gazelas, sem uma autorização expressa.

— Geoffrey! — a voz de Reynard ecoou pela mata, seguida de um toque da trompa de caça.

A paz da floresta acabava de ser quebrada. Um bando de pássaros irrompeu de uma árvore num voo frenético, tomado por um medo súbito.

— Por que demora tanto? — gritou Reynard, em francês.

Assim como outros nobres do país natal de Henrique, Reynard só falava francês, recusando-se a aprender a língua dos saxões. No entanto, Geoffrey e o rei sabiam várias línguas, inclusive o saxão, embora o rei o considerasse um idioma primitivo.

— Não seja tão impaciente! — Geoffrey gritou, em resposta. — Já estou indo.

Pressionando os flancos do cavalo com os calcanhares, ele galopou, saindo da floresta para um vasto descampado. Logo juntou-se à comitiva de caça.

— Ah, aí está você! — Henrique ergueu a mão em saudação, demonstrando seu carinho. — Os cães encontraram rastros de um cervo, que os caçadores estão verificando... Logo saberemos se é uma presa que vale a pena perseguir.

Embora um tanto desordenado no seu modo de vestir, não havia dúvida de que Henrique era um homem de poder: atarracado, de ombros largos, com braços e pernas fortes, tinha um ar de autoridade que ninguém ousava questionar.

Ninguém, exceto Thomas Becket, Geoffrey pensou, com um leve sorriso nos lábios.

Thomas Becket, filho de um comerciante de Londres, fora educado na França e era um homem de visão e vasto conhecimento. Ocupava a privilegiada posição de chanceler na Corte.

Reconhecendo a sabedoria do amigo, Henrique respeitava seus conselhos. Era verdade que havia discordâncias, pois nem sempre o rei estava disposto a aceitar a orientação de Thomas.

Geoffrey fora testemunha de uns poucos confrontos recentes entre ambos. Mas sabia que, embora às vezes discordasse do rei, o chanceler estava sempre empenhado em servi-lo, da melhor maneira possível, na busca de seus objetivos. Portanto, esses conflitos às vezes se davam por uma questão de método e não de princípios.

— Duvido de que Geoffrey um dia vá entender o prazer da caça — disse Reynard, numa voz que mais parecia um rugido zangado. — Ele só se interessa por penas e pergaminhos...

Henrique silenciou Reynard com um simples franzir de cenho.

— Você julga seu irmão erroneamente, Reynard de Bron. Mas eu sei que ele é um homem de valor. Com sua percepção e inteligência, Geoffrey vale por dez cavaleiros. Aliás, você deveria ouvi-lo com mais atenção, em vez de criticá-lo.

— Obrigado, milorde — Geoffrey agradeceu, com um sorriso.

Henrique tinha cabelos ruivos, que penteava de modo a encobrir a calvície avançada. Sua pele era sardenta, e seu rosto, arredondado. Não era um homem bonito, mas tinha carisma.

— Vou acatar seu conselho — acrescentou Reynard, curvando ligeiramente a cabeça. — Mas continuo não entendendo a recusa de meu irmão a pegar em armas.

O rei ia dizer alguma coisa, mas um dos caçadores aproximou-se naquele momento, confabulou com ele em voz baixa e afastou-se, depois de receber instruções. A caçada ia começar.

Os cães eram mantidos na coleira por seus treinadores e ladravam furiosamente, clamando por ação. Reynard possuía vários cães e tratou de atirá-los. Guiados pelos treinadores, os cães formaram um grande círculo, fechando uma área da mata, para impedir a fuga da caça: um cervo de bom tamanho.

— Ah, que bom poder saborear carne fresca, depois de passar o inverno inteiro comendo carne salgada! — Reynard gritou, sorrindo para o rei, num esforço para recuperar sua simpatia.

Geoffrey sabia que o irmão realizava caçadas nas florestas do rei, desobedecendo ao seu decreto. Por mais de uma vez avisara-o sobre o perigo que corria, agindo daquela maneira. Mas Reynard, como sempre, não lhe dava ouvidos.

A floresta representava muito mais do que um simples local de recreação para os nobres. Não só fornecia alimentos, principalmente carne, como também madeira para construções e para fazer fogo. Claro que tudo isso era negado aos camponeses, cujos barracos de dois cômodos eram feitos de taipa.

Certa vez, Reynard surpreendera um camponês recolhendo galhos secos, no chão da floresta. Furioso, mandara que lhe queimassem as mãos com ferro em brasa, para servir de exemplo. Duro e cruel na execução de suas próprias leis, ele zombava do rei pelas costas, ao caçar na floresta sem permissão.

Erguendo a trompa de caça, feita de marfim, Henrique emitiu uma série de acordes, dando o sinal para a arremetida. A floresta vibrou com a intrusão dos caçadores e o alarido de cavalos e cães. Os animais, assustados, corriam para todo lado, tentando escapar ao cerco. Mas os cães tinham apenas uma presa na mira: o cervo.

Geoffrey sabia que, geralmente, os caçadores usavam arcos e flechas. Mas naquele dia o rei determinara que apenas um homem abateria o cervo, com um golpe de lança.

Geoffrey reagiu, surpreso. E espantou-se ainda mais quando o rei declarou:

— Você, meu caro Geoffrey, poderá nos brindar com sua habilidade e perícia.

Aquela era uma grande honra que ninguém, nem mesmo ele, que não era afeito a caçadas, ousaria recusar. Assim, saltando do cavalo, tomou a lança do próprio rei e, num golpe certeiro, liquidou o animal, livrando-o do medo e da dor.

— Assim age um nobre, na caça — foi o comentário seco de Henrique a Reynard, que na verdade era um elogio rasgado a Geoffrey. — Eu bem que lhe disse que você estava enganado com relação ao seu irmão. Ele seria um grande guerreiro, se quisesse. Porém, é ainda melhor e mais admirável em trabalhar com a mente — concluiu, sorrindo.

— Eu o saúdo, meu irmão! — Reynard declarou, inclinando a cabeça, com um sorriso tenso no rosto.

Por um breve momento, Geoffrey lembrou-se dos tempos felizes

da infância, antes que a morte do pai e a ascendência do irmão mais velho os separassem inexoravelmente.

Os caçadores abriram o cervo, separando as carnes nobres e colocando sobre o couro do animal as partes destinadas aos cães. Geoffrey, Reynard e Henrique observavam o trabalho. Os três eram da mesma altura, embora diferissem na largura. Reynard era o mais corpulento; Henrique, o mais atarracado; e Geoffrey, o mais esbelto.

— Definitivamente, você me agrada, Geoffrey — disse o rei, demonstrando um estado de espírito jovial, que sempre o levava a grandes rasgos de generosidade. — O dia hoje é seu e quero lhe conceder uma graça... O que deseja, meu amigo? Um manto novo? Uma mulher? Um cavalo? Um lugar de honra a meu lado?

— Deixe-me pensar sobre este assunto, milorde — Geoffrey respondeu, com simplicidade. — Um homem sábio não deve tomar decisões precipitadas.

Na verdade, sentia-se desconfortável com tantos elogios e demonstrações de apreço. Tudo o que fizera fora matar um cervo, num golpe feliz de lança, coisa bastante comum de acontecer.

— Peça ouro e prata — Reynard cochichou-lhe ao ouvido. — Aproveite o momento.

— Enquanto você pensa, vamos voltar ao castelo — Henrique propôs. — A noite vem chegando, e estou ansioso para provar a carne desse cervo.

Incitando o cavalo, partiu sem olhar para trás. Geoffrey e Reynard o seguiram.

O caminho percorrido pelo rei, seguido de perto pela comitiva, da qual participava o jovem clérigo, Geoffrey de Bron, passava pelas terras de Reynard de Bron, irmão de Geoffrey. A trilha seguia por uma paisagem muito bonita, delimitada pela floresta e por um extenso campo verdejante à direita, onde dezenas de ovelhas pastavam. Mais além, as casas de taipa da aldeia compunham o fundo da paisagem. Havia poucos camponeses à vista.

Geoffrey sentia uma tristeza pairando no ar. Um súbito presságio o assaltou, causando-lhe um calafrio. De algum modo inexplicável, sentiu que algo havia acontecido, na aldeia. Algo grave e triste. A

morte, talvez.

A voz de Reynard arrancou-o bruscamente desses sombrios pensamentos:

— Preguiçosos cães ignorantes! Onde estão meus camponeses? Como se atrevem a abandonar o trabalho no campo, à luz do dia? Darei a eles um castigo exemplar. *Mon Dieu!* Eles verão do que sou capaz!

— Deixe-os em paz — disse Geoffrey. — Será que você não percebe que, se não há camponeses à vista, é porque algum problema, talvez até mesmo uma tragédia, aconteceu na aldeia?

— Deixá-los em paz? — Reynard bradou, furioso. — Eles pertencem a mim, tanto quanto estas terras. E vou fazê-los pagar por essa afronta.

— A única recompensa da crueldade é o ódio — Geoffrey sentenciou. — Os camponeses não são cães, são seres humanos.

— Tenho mais apreço por meus cães. Aqueles miseráveis... Eles vão ver só!

Geoffrey olhou para o rei, que mantinha-se neutro. Na verdade, Reynard tinha o direito de fazer o que quisesse, em suas terras. Era um senhor feudal, nomeado pelo próprio rei e, portanto, as regras eram tão rígidas quanto claras: o poder de Reynard era absoluto, com relação às terras e aos camponeses.

Geoffrey iniciou uma oração silenciosa por aquela gente sofredora. Era tudo o que podia fazer pelos pobres seres que tinham a infelicidade de pertencer às terras de Reynard de Bron.